

**O LUGAR DOS MORTOS NA CIDADE DOS VIVOS: O CEMITÉRIO PÚBLICO
E SUA RELAÇÃO COM A CIDADE DE JARDIM DO SERIDÓ NA SEGUNDA
METADE DO SÉCULO XX**

Luana Barros de Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Norte/PPGH-UFRN

luanaabarross@gmail.com

O presente trabalho propõe pensar o cemitério público de Jardim do Seridó a partir de sua construção (1858), e como se deram as mudanças nos ritos fúnebres e na estrutura da cidade, tendo em vista que os discursos higienistas do século XIX relacionavam o lugar de enterramento como um sinal de perigo à saúde pública, pois os interiores das igrejas, onde eram feitos os enterramentos, também eram lugares de encontros religiosos e políticos, onde as pessoas costumavam se reunir. Foi a partir do século XIX que os cemitérios passaram a ser extramuros, construídos distante dos centros urbanos, para que não houvesse o contato com a população. Essa mudança do espaço de enterramento gerou diversas discussões e, posteriormente, estudos a respeito das mudanças culturais da morte e morrer. A cidade utilizada no presente estudo foi Jardim do Seridó, localizada no interior do Rio Grande do Norte. Desde 1858 a presente cidade permanece com o mesmo cemitério, no qual o mesmo passou por duas ampliações em sua extensão, sendo elas nos anos de 1958 a 1963, e a última em 1990. Com isso, o presente estudo teve o intuito de iniciar uma discussão a respeito das mudanças no espaço urbano citado, tendo em vista os anos que seguiram as reformas do cemitério de Jardim do Seridó.

Palavras-chave: Cemitério. Cidade. Jardim do Seridó.

Foi observada como recorte espacial a cidade de Jardim do Seridó, localizada no interior do Rio Grande do Norte. Uma cidade particularmente pequena, com um

município que tem população estimada de 12.395 pessoas¹. Através de uma caminhada pela cidade, tomou-se como ponto de partida o objeto de estudo: cemitério público de Jardim do Seridó. A partir deste espaço, foi possível observar várias casas ao seu redor, uma praça popularmente conhecida como Praça da Saudade, bares, academia de ginástica e supermercado. A leitura da cidade parte de uma análise dos dados atuais, pois “ainda que isto seja uma redundância é necessário lembrar que uma leitura do passado, por mais controlada que seja pela análise dos documentos, é sempre dirigida por uma leitura do presente”. (CERTEAU, 1982, p. 27)

Partindo da ideia de que toda cidade deve ter como parte integrante um cemitério, tendo em vista que o cemitério é a cidade dos mortos inserida na cidade dos vivos, a referente pesquisa propõe uma reflexão a respeito da mudança espacial urbana e sua relação com o cemitério. Os olhos que dessa pesquisa fazem parte, recaem sob a cidade de Jardim do Seridó. O Seridó, sertão do Rio Grande do Norte, foi uma região que por muito tempo se destinou à criação de gado. Dessa forma, a cultura seridoense foi sendo desenhada a partir da tríade homem-boi-cruz. Mesmo com um clima seco, o Seridó foi se desenvolvendo ao redor das ribeiras, com fazendas de criar gado e a fé no coração. (SANTOS, 2011)

Por meio do cemitério como espaço estudado, foi observado parte do contexto histórico da cidade de Jardim do Seridó, pois nele pode ser possível observar a materialização de uma construção histórica, cultural e memorial que transmitem, ao longo do tempo, as formas de morte e morrer dos sujeitos que praticam a cidade. Segundo Aleida Assman, “indivíduos e culturas constroem suas memórias interativamente através da comunicação por meio da língua, de imagens e de repetições ritualísticas, e organizam suas memórias com o auxílio de meios de armazenamento externos e práticas culturais”. (2011, p. 24)

O interior do cemitério foi entendido como um núcleo de valor sentimental, reflexo de memórias que materializam, por meio de objetos, o espaço determinado, uma vez que as articulações das pessoas, junto aos objetos nos lugares de sepultamento,

¹ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/jardim-do-serido/panorama>. Acesso em: 25/02/2019.

imprimem nesse espaço seus sentimentos, percepções, valores, memórias, tomando-o de modo íntimo, é possível observar o resultado de uma caracterização e valorização do lugar de sepultamento como uma forma própria.

Buscou-se pensar o espaço através de uma perspectiva histórica, visando o cemitério público da referida cidade, enquanto lugar de memória e cultura material. Perceber-lo como objeto histórico é refletir por meio experiências temporais, responsáveis por ligar as pessoas ao espaço. O período analisado parte da segunda metade do século XX, tendo em vista que de 1958 a 1963 houve a primeira reforma do cemitério, na qual teve sua parte interna ampliada no mandato do então Prefeito Joaquim Alves da Silva e, posteriormente, sendo estendida a parte mais baixa do cemitério, no mandato da Prefeita Maria José Lira Medeiros. A última benção litúrgica se deu em 02 de novembro de 1990. Essas informações se encontram descritas em uma placa, na entrada do cemitério.

Segundo Registro de Imóveis do Livro 3-V (Transcrição das Transmissões), que data de 1956, há registro de construções nos terrenos localizados próximo ao cemitério, fator que leva a pensar a respeito da expansão da cidade e, assim, chegar à problemática que deu início a essa pesquisa: como o cemitério, construído no século XIX, por meio de discursos que visavam seu isolamento, foi sendo integrado à cidade?

Para se chegar a essa indagação foi necessário um mergulho mais fundo diante do tempo, pensando os fatores que levaram à construção do cemitério público, assim como o movimento e crescimento da cidade e a junção desses espaços que, a princípio, deveriam ser separados por questões de saúde pública.

Para tanto, teve-se como intuito analisar os discursos proferidos pelos governantes, a fim de entender quais os motivos que levaram à construção dos cemitérios nos interiores do Rio Grande do Norte. Buscou-se um diálogo entre espaço e tempo, relacionando o cemitério enquanto objeto de pesquisa para se entender como os sujeitos praticaram esse espaço na cidade, por meio das relações humanas, culturais e sociais.

Não foi o intuito escrever a história do cemitério, nem tão pouco filtrar todas as informações que dele partem, pois isso não seria possível. Ao contrário, buscou-se entender como, a partir desse espaço, houve um desenvolvimento sobre questões

urbanas que levaram a população a se sentirem ligadas a ele enquanto patrimônio cultural e histórico, partindo do pressuposto que os primeiros cemitérios foram construções que deveriam ficar afastadas dos centros urbanos. Dessa forma, trata-se de ver a cidade a partir desse lugar de memória, ligado à morte.

O objetivo é problematizar o cemitério como fator cultural da cidade, pensando como esses espaços estão relacionados com as pessoas que o pratica, e como houve a expansão urbana que o envolveu. Para tanto, buscou-se entender as particularidades de sua formação, percebendo o que levou à construção do cemitério, como as pessoas reagiram diante disto e como ele estava incluso nos planos urbanos de Jardim do Seridó, tendo em vista a gestão que governava a cidade e, sobretudo, como a população entendia esse espaço.

Para se ter uma interpretação das fontes foi necessário um conhecimento prévio a respeito do objeto e do tempo que levou à sua construção, por esse motivo, a bibliografia analisada nesta pesquisa faz uma rápida explanação sobre ritos de morte, discursos higienistas, o tempo da modernidade a percepção da construção espacial urbana, relacionando-os com o cemitério e a cidade. Foi necessário ressaltar que o presente olhar sobressai diante da escrita urbana, pois se procurou discutir a relação dos espaços e não somente os ritos fúnebres. O presente estudo está mais relacionado com História das Cidades do que com a História da Morte, pois foi refletido a respeito de um espaço que se encontrava à margem da cidade e do centro urbano, voltando à atenção para o cemitério, partindo dele para entender a cidade.

Compreender o que levou à construção dos cemitérios tornou-se possível quando houve conhecimento a respeito de doenças que levaram à morte um considerável número da população, chegando aos líderes que estavam no governo a decidirem tomar soluções a respeito do acontecido, sendo um dos principais motivos relacionados à sua construção. Foi necessário saber separar a História da Morte e as construções culturais que se deram através dela, e assim mesmo ressaltar que os estudos pensados sobre morte partiram da análise de como as pessoas lidavam com o fim da vida.

Na França do século XX, pesquisadores como Michel Vovelle, Pierre Chaunu, Edgar Morin e Philippe Ariès foram responsáveis por escrever a respeito da morte e morrer, assim como o comportamento que as pessoas tinham em relação à percepção

desta. Em especial, foi utilizada, na presente pesquisa, a obra *O homem diante da morte* do historiador francês Philippe Ariès, por ser referência nos estudos a respeito de como se comportavam diante da morte, levando em consideração os ritos fúnebres, as sepulturas e os enterramentos. No Brasil, uma referência nos estudos que tratam sobre morte e morrer é João José Reis², no qual discutiu a respeito da cemiterada, movimento contrário à construção do cemitério em Salvador-BA, no século XIX.

Philippe Ariès e João José Reis foram utilizados para entender como se deram os ritos fúnebres na Europa, Brasil e como influenciaram a população no sertão do Rio Grande do Norte, pois foi notório que as relações culturais nele existentes estão ligados desde o período que compreende o século XVIII, quando se deram os primeiros contatos com os europeus e, sobretudo, o Cristianismo. Esses fatores culturais são repositórios acumulados de tempos que persistem no imaginário e na ação recorrente de muitos cidadãos. (REIS, 1991)

No Rio Grande do Norte, como foi citado, os estudos sobre a morte e seus rituais estão presentes nos trabalhos de Alcineia Rodrigues dos Santos, que pesquisou sobre as formas de morte e morrer no Seridó nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. A pesquisa de Santos (2011) é referência, pois se trata de um estudo mais aprofundado desses ritos no Seridó, região que Jardim do Seridó está inserida. No entanto, o objetivo do presente estudo foi entender a construção urbana e sua relação com o cemitério, fator de distinção entre a pesquisa de Alcineia Santos, que buscou compreender a relação que os seridoenses mantinham com a morte através de seus ritos.

Tomando como análise inicial, parte dos discursos dos Presidentes de Província do Rio Grande do Norte, na segunda metade do século XIX, que estavam mais preocupados com uma medicina preventiva, para dar conta das doenças que chegavam ao sertão. Vale saber que para a Villa do Acari, a qual Jardim do Seridó fazia parte enquanto Povoação de Conceição do Azevedo³, no ano de 1856, foram doadas “8 Barricas de bolacha. 9 Saccos de arroz. 6 Peças de baeta. 5 Carteiras homeopathicas. 5 Vidros de camphora. 4 Carteiras homeopathicas. 4 Folhêtos sobre o tratamento do

² A obra aqui citada é *A morte é uma festa*, publicada inicialmente em 1991. Os estudos de João José Reis têm reconhecimento nacional e internacional por ser um dos pioneiros a publicar um estudo a respeito de uma questão estrutural entre senhores e escravos, mostrando, através dos ritos de morte como se dava esse cotidiano.

³ Sendo desmembrada apenas em 1º de setembro de 1858.

cholera”. Como se pode notar, através da presente descrição de parte das doações que eram feitas, dentre os componentes está as “Carteiras homeopáticas”, que diziam respeito ao tratamento homeopático em vigor no século XIX. (PASSOS, 1856, p. 5.)

Uma doença que fez um número significativo de vítimas no Seridó foi o cólera, cholera ou cholera-morbus que, segundo Diccionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessorias, se tratava de “moléstia aguda, rápida em sua marcha, muito dolorosa e grave, cujos symptomas mais notáveis consistem em vômitos numerosos, evacuações alvinas abundantes, supressão das ourinas, e caimbras nos membros” (CHERNOVIZ, 1890, p. 577-578).

Com base no Relatório do Presidente de Província do ano de 1857, a tabela do *Número de mortos vitimados pelo cólera por localidade/freguesia* de Santos, mostrou que essa doença fez 109 vítimas no Príncipe (Seridó) e 53 vítimas em Acari (Seridó). (2011, p. 131-132)

No período do cólera, presente no século XIX, sobretudo, não eram só os tratamentos homeopáticos que faziam parte de um recurso de controle da doença. A reeducação da população também se encontrava em vigor, como foi notado na descrição de distribuição de folhetos sobre o tratamento do cólera, supracitados. Como parte da população era analfabeta, esses folhetos eram em menor número, distribuídos entre os líderes locais (políticos e religiosos), responsáveis por expandirem os conhecimentos sobre as doenças. Esses cuidados eram pensados e desenvolvidos entre a população, fator que ajudava na prevenção e controle das doenças.

Segundo Alcineia Santos (2011), devido o desenvolvimento e contágio dessas doenças, passou-se a pensar a respeito do lugar de enterramento no Seridó, que a princípio era feito nas capelas e igrejas das fazendas e vilas. A partir do século XIX, no Brasil, os enterramentos em capelas e igrejas começaram a ser discutidos como risco para a saúde pública da região. Esses enterramentos tinham um peso significativo que, como escreveu João José Reis,

Ser enterrado na Igreja era também uma forma de não romper totalmente com o mundo dos vivos, inclusive para que estes, em suas orações, não

esquecessem os que haviam partido. Os mortos se instalavam nos mesmos templos que tinham frequentado ao longo da vida. (1991, p. 171)

A capela também servia como espaço para reuniões que diziam respeito às questões de ordem pública, isso foi observado na abertura do Livro nº 1: “Qualificação dos Votantes do Município” (1856-1866), no qual aparece, em sua descrição, a reunião feita no espaço interno da capela. Por questões de saúde, esse espaço não era tão bem visto para reuniões, pois havia a necessidade de afastamento quanto à localização dos enterramentos serem feitos nos cemitérios das capelas e igrejas. Por esse motivo, era recomendado que os cemitérios extramuros fossem construídos com uma distância considerável do centro urbano. Os cemitérios extramuros deveriam ser distantes e abaixo do nível da cidade para que não fosse recorrente o contato entre a população e os miasmas, que poderiam infectar o ar. (ARIES, 2014; REIS, 1991; SANTOS, 2011)

Através dos discursos dos presidentes de província, analisados a partir de 1854, que as construções de cemitérios no Rio Grande do Norte, sobretudo no sertão, foram assuntos debatidos algumas vezes, pois levou tempo para a sua realização, uma vez que era necessário arrecadar um valor considerável, levando em consideração que

O cemitério acarréia consigo outras despesas, taes como as que devem ser feitas com um administrador, a cujos cuidados esteja entregue o edifício, a escripturação e o desempenho de outras obrigações de importância, principalmente durante a epidemia, em que se encaravam diariamente muitos cadáveres; pélo que foi forçado a crear este emprego, e marquei-lhe o ordenado de quarenta mil réis mensaes, por ser de natureza, cujo exercicio, exigindo na pessôa que o tem de ocupar, certas habilitações, He repugnante, principalmente no tempo da epidemia em que todos procuravam apartar-se de focos de infecção. (PASSOS, 1856, p. 16)

O cemitério de Jardim do Seridó foi construído em terreno doado à Paróquia por Antônio de Azevedo Maia (3º) e sua esposa Úrsula Leite de Oliveira. Antônio Maia, juntamente com parte da população civil e religiosa, foi responsável pela construção do cemitério. A bênção litúrgica do cemitério aconteceu em 12 de março de 1858, com o Vigário Visitador Francisco Justino Pereira de Brito, como está escrito da seguinte forma no Livro de Tombo Nº 1, que se encontra na Paróquia de Nossa Senhora da Conceição:

O cemitério desta Povoação foi construido as esperanças do Pôvo da Freguesia, pelo qual promovi subscrição para este fim e pertence á Fabrica

da Matriz, por ter sido a mente dos subscritores. Foi elle bento sobremente (?) por mim aos 12 de Março do presente anno com a assistencia de seis sacerdotes, e de inumero pôvo. Doque para constar faço esta Nota, em que me agsigno. Conceição do Azevêdo – 15 de abril de 1858. O Vigrº Visiº – Francisco Justino Pereira de Brito. (BRITO, 1858, s/p)

Dessa forma, nota-se que a presença da população foi um fator importante para a construção do cemitério. Essa descrição faz pensar a respeito da participação da Igreja, através do Vigário Visitador Francisco Justino Pereira de Brito, que ficou sendo responsável pela administração entre os anos de 1856 a 1871. A influencia do Vigário Francisco Justino sobre a população pode ser observada por interesses políticos também, uma vez que o mesmo “foi deputado estadual no período Imperial de 1860 a 1861 e de 1868 a 1869”. (AZEVEDO, 1988, p. 33)

Era costume entre vigários e padres no século XIX, podendo, por escolha, serem enterrados nas igrejas ou capelas, o mesmo deixou por escrito o seu pedido, através do testamento, para ser sepultado no cemitério, da seguinte forma:

Não tenho a mais ligeira intenção de mudar a minha residência desta Freguesia, onde espero morrer, e ser sepultado em uma das Catacumbas proximas a Capella do Cemiterio, com acompanhamento das Irmandades, da Padroeira, do Santissimo, e das Almas das quaes sou, desde muito, Thezoreiro. (BRITO, 1871, p. 29)

É necessária a observação de que o Vigário Francisco Justino foi o primeiro vigário do Povoado, nascido em 1819 e chegando a óbito no dia 8 de novembro de 1871. Foi um homem consagrado e respeitado pela população, sendo o único vigário do povoado com sua história popularmente conhecida até os dias de hoje por existir fotografias sua em prédios públicos⁴.

As mudanças de hábitos recorrentes no século XX, em Jardim do Seridó, como observou Diego Gois, são heranças do século XIX, que tomavam a Europa com uma ideia de modernidade, sendo “a partir de 1917, a cidade de Jardim do Seridó moldada através da construção de diversas ações e equipamentos, alterando profundamente os espaços citadinos e o cotidiano da população”. (2019, p. 16)

Essas alterações ocorreram no centro da cidade, onde teve a reestruturação e construção dos prédios públicos, vias, ruas, calçadas, coletas de lixo, etc. O cemitério,

⁴ Na secretaria paroquial e no antigo Sobrado Francisco Justino.

até onde mostraram os registros analisados, não teve mudanças. Sua mudança se deu primeiramente, no período de 1958 a 1963, como foi citado acima. Essa questão suscitou à indagação a respeito do espaço em que se encontra o cemitério, sendo distante da cidade, possivelmente não estava incluso às principais ideias de urbanização da cidade.

Na Europa, sobretudo França, a modernidade pode ser apresentada como um mito visto com o intuito de persuadir àqueles que acreditavam na transformação inaugural. Os feitos e as construções de ideias são desígnios e heranças de outros tempos que se sobrepõem ao novo, e que, de alguma forma, são expostos em novas superfícies. A modernidade, por isso mesmo, pode ser percebida como uma construção das configurações políticas, econômicas e sociais. Uma destruição criativa que assinalam momentos decisivos de novos acontecimentos. (HARVEY, 2015)

As ideias de modernidade chegaram a Jardim do Seridó no início do século XX, onde o então prefeito municipal Heráclio Pires Fernandes anteriormente a seu mandato teve contato com esses ideais quando estudou farmácia, em Recife. (GOIS, 2019)

Nas capitais do Brasil, esses projetos relacionados à mudança, advindos da Europa, ocorreram na segunda metade do século XIX, quando houve o que era chamado de projetos higienistas e urbanistas. Diziam respeito ao cuidado com o corpo, pois eram métodos de lidar com doenças que assolavam na época, no entanto, que não era muito discutido, pois segundo André Motta,

A partir da segunda metade do século XIX, pelo cuidado individual e coletivo de uma sociedade consumida pelas doenças e epidemias que avançavam por todos os pontos onde o capitalismo fincava suas fundações. Se as epidemias sempre existiam na história da humanidade, esse foi um momento ímpar para tais fenômenos. (2005, p. 20)

Com o passar do tempo, os rituais ligados à morte foram sendo mudados, pois os locais de enterramento eram destinados ao cemitério extramuros e não mais às igrejas. Dessa forma, foi possível a projeção de túmulos e lápides, pensando na relação do vivo com o morto. É necessário ressaltar que essas mudanças não foram aceitas passivamente desde o começo, sobretudo pela Igreja, pois havia a disputa de espaços de poder, que consistia em

De um lado, a Igreja que se romanizava e, de outro, instituições laicas que tinham a responsabilidade de construir o catolicismo no Brasil, mas que adquiriram poder e alteraram alguns ritos em nome da aproximação das realidades vividas por seus integrantes. Neste embate, a Igreja aliada ao Estado conseguiu vencer com o enfraquecimento das Irmandades, Confrarias e Ordens Terceiras. (ANDRADE JÚNIOR, 2011, p. 5)

Essas questões fazem refletir a respeito da relação que o cemitério tem com a cidade e sua composição tomando como proposta entender como os espaços sociais e culturais iam se inserindo através do tempo. Pensar o espaço é o mesmo que refletir a respeito do tempo e sujeitos que o compõe. As colocações que virão a seguir partiram de observações do cemitério em conjunto com obras que buscam problematizar o espaço.

Dessa forma, e sob a luz dos estudos de Michel de Certeau (1996; 1998), o espaço foi entendido como forma que as pessoas individualizam a cultura. Levando em consideração o conceito de prática, foi possível entender como se formam as particularidades culturais de uma região, de um bairro, de uma família, tendo em vista seus valores, de acordo com as necessidades de seus agentes. Por esse motivo, as questões levantadas buscaram pensar o espaço em que se encontra o cemitério, sendo, a princípio, localizado à margem do centro urbano, e como foi sendo inserido à cidade; quando ele deixou de ser distante, quando foi formado seu bairro, qual a particularidade das pessoas que moram e se essas questões estavam ligadas às políticas de urbanização.

O livro “A invenção do cotidiano”, de Michel de Certeau, foi um estudo que fez pensar sobre as práticas culturais aqui analisadas como responsáveis por compor a cidade dos mortos e dos vivos, presentes no tecido urbano analisado. No presente estudo, foram tomadas duas formas de percepção da história para dar prosseguimento à análise da pesquisa. Sendo assim, observaram-se as formas de morte e morrer, o espaço cemiterial e a cidade. A princípio, de forma panorâmica, foi feita uma análise mais extensa da produção historiográfica, o que tornou possível enxergar, como exercício de um *voyeur*, estudos escritos que a respeito da presente temática. Segundo Michel de Certeau, esse exercício consiste em “aquele que sobe até no alto fuge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores. (...) Sua elevação o transfigura em *voyeur*” (1998, p. 170).

Ver de longe o objeto torna possível analisar os entrelaçados das ruas, avenidas, casas e prédios públicos em uma perspectiva mais ampla, partindo das construções descritas pelas vozes que mostram a forma de fazer. Em segundo momento, quando se faz o mergulho para analisar de perto o espaço estudado, o pesquisador se vê de encontro com os praticantes da cidade, aqueles que tomam para exercício diário as formas de significar os espaços. Para Michel de Certeau, é mais embaixo que “vivem os praticantes ordinários da cidade. Forma elementar dessa experiência, eles são caminhanças, pedestres, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo”. (1998, p. 170)

Olhar para as práticas ordinárias é o mesmo que observar com mais afinco o interior de onde são produzidos os espaços e como os sujeitos os conduzem por meio das percepções, individualizando, à sua maneira, a cultura de massa. Observar essas práticas para alcançar um intuito maior: entender como as pessoas tomam a cidade dos vivos, aproximando-a à cidade dos mortos. Por meio do cemitério, como objeto de estudo, buscou-se pensar como as pessoas, enquanto pontos de referência que desenrolam ações, organizaram o espaço urbano.

Dessa forma, e partindo de um estudo feito por AMM Quamruzzaman (2009)⁵, foi possível pensar que o planejamento urbano deve levar em consideração o lugar dos mortos, articulando sua morada diante das cidades pensadas, tendo em vista o lugar dos vivos, pois trata-se de uma questão que deve ser levada em consideração duas possíveis observações: a realocação e preservação dos antigos cemitérios nas cidades grandes, assim como a construção de novos cemitérios. Esses projetos devem andar em desenvolvimento com a cidade. A ideia central desse estudo foi aqui absorvida como um ponto a se pensar sobre o cemitério de Jardim do Seridó como espaço ainda mantido, mesmo depois de tantos anos. Sendo construído em 1858, e passado por três reconstruções em sua extensão, o que leva o uso mantido desse cemitério pela população?

⁵ Por meio do olhar de Max Weber e Lewis Mumford, que enfatizaram as funções sociais dos cemitérios e a formação sobre o desenvolvimento da cidade, o autor buscou estudar o desenvolvimento urbano da cidade de Dhaka por meio da análise do cemitério.

Para se ater a esse detalhe, foi pensado o período de modernização que passou Jardim do Seridó no início do século XX. Um recorte temporal analisado por Diego Gois (2019) que compreende os anos de 1917 a 1930, os quais estavam a frente dessas ideias o então prefeito Heráclio Pires Fernandes. Através das crônicas jornalísticas do espaço analisado, Gois (2019) pôde observar tentativas de monumentalização da cidade, aliadas ao discurso da modernidade que pairava por grande parte das capitais brasileiras.

A preocupação que estava inserida nos ideais de modernização era a higienização urbana, o alargamento das ruas, a criação e realocação dos prédios públicos. Dessa forma, e através das Leis e Códigos de Posturas do Município, foi possível acompanhar o zelo pela limpeza da cidade e a vinculação que esta tinha na saúde da população. Como mostrou Diego Gois,

Podemos observar neste artigo do Código de Posturas um nítido processo de envolvimento com a proposta de higienização dos espaços da cidade penetrando nas mentes dos administradores de Jardim do Seridó, no período de 1917 a 1930. (...) Estes princípios impulsionavam os desejos de que era preciso limpar, separar, arruar, calcular, higienizar e embelezar a cidade, tornando os espaços públicos objetos de sedução.

(...) No entanto, apesar dos inúmeros apelos de observância do Código de Posturas, alertando para as multas a serem impostas àqueles que deixavam de cumprir a limpeza das residências, (...) diversos proprietários de prédios urbanos deixavam de cumprir a exigência da legislação municipal. (2019, p. 109-110)

A citação acima nos faz pensar a respeito desse período que compreendia o início do século XX, em Jardim do Seridó, como sendo de higienização da cidade. Como bem mostrou Diego Gois (2019), haviam as resistências das pessoas frente aos Códigos de Posturas do Município, chegando a gerar multas e repreensão de parte da população que ainda não se encontrava apta a seguir esses modelos, ou que insistiam em resistir a essas formas de posturas impostas à sociedade.

Voltando a Michel de Certeau (1998), foi possível ver a população como pessoas que praticavam o urbano à sua maneira, articulando as formas que achavam melhor de lidar com a cidade. Isso permite entender os jogos dos sujeitos nos espaços e como eles

tomavam de forma particular a cidade. Entende-se que as construções ao redor do cemitério público aconteceram em decorrência do período de urbanização, no qual as pessoas já passaram a ver esse espaço distante da cidade não mais como um lugar de perigo à saúde pública, mas sim como um lugar da saudade.

Assim, as pessoas passaram a se deslocar para os espaços que se encontram próximo ao cemitério como uma forma de tática, visada por Certeau, que faz pensar a população como pessoas que “manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetos a sua relação com o poder que os sustentam, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição”. (1998, p. 47)

Essas mudanças podem ser observadas no entorno circunscrito do cemitério de Jardim do Seridó. As casas, lojas, bares, praça, ambientes de convívio social foram se formando ao redor desses espaços. A cidade foi se desenvolvendo ao longo do tempo. Os ritos e a percepção da morte foram sendo mudados através dos anos. O reflexo pode ser observado no interior do cemitério, por meio da cultura material dos túmulos, jazidos e covas. A parte antiga do cemitério é esteticamente diferente das partes mais novas, as quais passaram por reconstruções. O mármore foi substituído pelo cimento pintado de branco; a cruz alta foi substituída pela baixa, mais simples. O foco é investir na fotografia do morto, a representação que permite ser perpetuada em sua melhor imagem. As mensagens, que eternizam as últimas palavras podem ser observadas como o desejo final daqueles que almejam uma boa representação pessoal e familiar. Os objetos pessoais, as flores, as velas foram sendo reduzidos, substituídos e remontados ao longo do tempo. Os ritos, espaços e a cultura passaram e passam por transformações através do tempo.

Essas observações fazem pensar a tradição como uma invenção constante do tempo presente, que a toma e reinventa os objetos, ritos e significados através do tempo. O mesmo pode ser entendido com os espaços, que mudam suas formas e significados por meio das práticas cotidianas. (CERTEAU, 1998)

O recorte temporal aqui estudado relaciona-se com os discursos higienistas e a modernização do século XIX, que chegou a Jardim do Seridó no início do século XX. Esses foram responsáveis por fatores que mudaram o comportamento das pessoas, no entanto, e como foi observado, a população levou um tempo para se adaptar às novas formas de viver exigidos por governantes que desenvolviam leis e posturas sobre a construção da nova cidade.

A partir do que foi analisado, pretendeu-se discutir o cemitério como espaço praticado, com a finalidade de entender suas dimensões culturais e relações de produção indo de encontro com as formas que os sujeitos levaram a construir participativamente a urbanização da cidade de Jardim do Seridó. Compreender o que está posto através das fontes é um exercício constante, que requer um olhar mais atento para que possa ser possível perceber aquilo que se esconde por trás dos panos do espetáculo temporal. A cultura material, em conjunto com a produção dos acontecimentos sociais, faz com que torne possível pensar o conjunto de uma produção do espaço historicamente construído.

Não havendo a separação tempo-espaço, de forma geral, sobre o viés do não dito, o sentido da produção, do desvio, das forças, das (re)apropriações e (re)significações da cultura, a referente pesquisa é tomada como um pontapé inicial para uma análise que propõe pensar a cidade e o espaço cemiterial a partir dos sujeitos praticantes.

Considerações Finais

Começamos a pesquisa buscando saber quais os motivos que levaram à construção do cemitério público de Jardim do Seridó. No decorrer dos estudos, tendo em vista o espaço analisado, a cultura material presente e a cidade produzida, foi possível observar que os ritos fúnebres foram sendo reinventados ao longo dos anos. Isso fez pensar a importância dos estudos que envolvem o cemitério e a cidade, uma vez que a estrutura da cidade deve estar ligada à construção e realocação dos cemitérios. Mesmo não se tratando de um trabalho fechado e concluído, por meio do presente estudo foi possível entender o quanto os cemitérios e as cidades estão interligados, sejam eles em cidades de grande porte ou em cidades do sertão do Rio Grande do Norte,

como Jardim do Seridó. Dessa forma, foi pensado em poucas linhas, um estudo que ainda encontra-se em análise, no entanto, e através do que foi aqui exposto, pode-se tomar como reflexão a relação dos caminhantes por meio do lugar dos mortos na cidade dos vivos.

FONTES

Livro nº 1: Qualificação dos Votantes do Município (1856-1866).

Livro nº 3: Transcrição das Transmissões (1956).

RIO GRANDE DO NORTE, Vigário (1857-1903: BRITO). Livro de Atas Nº 1.

RIO GRANDE DO NORTE, Presidente (1856; Passos). Relatório do presidente de província do Rio Grande do Norte Antonio Bernardo de Passos a Assembléia Legislativa Provincial no ano de 1856. Pernambuco: Typ. de M.F. de Faria, 1856, p. 5. Disponível em: <http://brazil.crl.edu/bsd/bsd/844/000030.html>. Acesso em 15/06/2019.

REFERÊNCIAS

ANDRADE JÚNIOR, Lourival. Cemitérios e Túmulos: espaços de devoção. In: XII Encuentro Iberoamericano de Valorización y Gestion de Cementerios Patrimoniales e V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, Salvador-BA, 2011.

ARIÈS, Philippe. O homem diante da morte. Tradução: Luiza Ribeiro. 1. ed. – São Paulo: Unesp, 2014.

ARIÈS, Philippe. Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média. 2 ed. Lisboa: Teorema, 1989.

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

AZEVEDO, José Nilton de. Um passo a mais na História de Jardim do Seridó. 1ª Ed. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In _____. A escrita da história. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. Dicionario de Medicina Popular e das Sciencias Accessorias. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890. 2 v.

GOIS, Diego Marinho de. Modernizando os Sertões: Jardim do Seridó-RN a “Veneza Seridoense” – 1917-1930. Curitiba: CRV, 2019.

HARVEY, David. Paris: capital da modernidade. São Paulo: Boitempo, 2015.

QUAMRUZZAMAN, Amm. Graveyards and Urbanization: The Case of Dhaka City. Social Science Research Network. April 29, 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.1414122>>. Acesso em: 30/06/2019.

REIS, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

SANTOS, Alcineia Rodrigues dos. Docente da UFG: Processo de dessacralização da morte e a instalação de cemitérios no Seridó, séculos XIX e XX. 2011. 301 f. Tese (Doutorado em História)- Faculdade de História. Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2011.